

NOVOS OLHARES SOBRE A REDENÇÃO DO DR. GÓRI*

Sergio Ricardo Gonçalves Dusilek

- Doutor e Mestre em Ciência da Religião pela UFJF/MG. Pesquisador de Pós-Doc do PPG em Letras da UEMS com apoio de Bolsa CAPES.
- E-mail: sdusilek@gmail.com.

Nataniel dos Santos Gomes

- Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.
- E-mail: nataniel@uems.br.

* A presente pesquisa foi originalmente apresentado como Comunicação no Colóquio Religião e Crise Climática promovido pelo Grupo de Pesquisa Protestantismo, Religião e Arte do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, realizado nos dias 21-23/03/2025. O texto aqui apresentado trata-se de uma versão revista e ampliada.

RESUMO

O propósito deste artigo é discutir e oferecer uma percepção diferente da popularizada recepção do Doutor Góri, antagonista do herói do Mangá Spectreman, como vilão. No referido Mangá, os elementos religiosos sobejam, ainda que em todo o tempo estejam em um segundo plano. Spectreman, em seu formato humano conhecido como o pesquisador Kenji (no Mangá Senhor Gamou), foi eleito para uma missão salvífica do planeta. Ao contrário das tradições monoteístas conhecidas, e possivelmente sob influência do Xintoísmo, a salvação para qual Spectreman recebe seu chamado tem a ver com a Natureza. O comissionamento vem de uma voz telepaticamente recebida, como que em uma comunicação espiritualizada, por aquilo que pode ser considerado uma divindade coletiva e soberana (Os Dominantes). A missão é nobre e seu fim envolve um auto e elevado sacrifício. Presente está também a luta contra o que seria uma personificação do mal, Góri e seu auxiliar Karas. A caracterização destes dois personagens do planeta Épsilon envolve uma clara crítica à ocidentalização do Japão, representando uma ameaça a sua tradição. Todavia, Góri pode ser lido sobre outra chave. Ao empregar sua expertise científica para a construção de monstros a partir da poluição da Baía de Tóquio, Góri funciona como um profeta do apocalipse ambiental. Ainda que seu paradoxal propósito fosse o da conquista pela destruição, a criação de enormes e mortíferos monstros a partir da poluição humana, industrial, dos dejetos do capitalismo, trouxe para a superfície do tecido social algo que estava confinado à profundidade da Baía da capital japonesa. Ver os monstros da destruição, eis o legado da denúncia, ainda que às avessas, de Góri.

Palavras-chave: Góri; Spectreman; Poluição; Ushio; Kazumine; Auerbach.

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss and to offer a view that is different from the very popular reaction of Doctor Gori, the hero antagonist in the Mangá Spectreman, where he plays the villain. There are many religious elements in this specific Manga, even though they appear in a second plan. Spectreman, in his human form, known as a researcher Kenji (Mr. Gamou in the Mangá), was chosen for a saving mission of the planet. Opposing to the known Monoteists traditions and may be under the Xintoism influence, the salvation for which Spectreman was called, has to do with Nature. This comission comes through a voice heard in a telepatic way, as a communication in a spiritual form, by what might be considered a collective and supreme divinity (The Dominants). It's a noble mission which implies a self and high sacrifice. There is also a fight against what could be called an evil personification, Gori and his helper Karas. The description of these two characters of the planet Epsilon shows a very clear criticism to the occidentalization of Japan, which means a threatening to it's tradition. However, Gori may be seen from another view. As he uses his scientific expertise on building monsters beginning with the pollution of Tokio Bay, Gori acts as a prophet of the environmental apocalypse. Although his paradoxal purpose aiming the achievement through destruction, the criation of huge and deadly monsters caused by human and industrial pollution, by the Capitalism waste, brings to the social surface something that been kept on the depths of the Tokio Bay. The legacy of this discussion is, therefore, is to see the monsters of destruction, even though on the opposite side of Gori.

Keywords: Góri; Spectreman; Polution; Ushio; Kazumine; Auerbach.

RESUMEN

El propósito de este artículo es discutir y ofrecer una percepción diferente de la recepción popularizada del Doctor Góri, antagonista del héroe del manga Spectreman, como villano. En el mencionado Manga abundan los elementos religiosos, aunque siempre quedan en un segundo plano. Spectreman, en su forma humana conocido como el investigador Kenji (en el Manga Sr. Gamou), fue elegido para una misión para salvar el planeta. Contrariamente a las tradiciones monoteístas conocidas, y posiblemente influenciado por el sintoísmo, la salvación a la que Spectreman recibe su llamado tiene que ver con la Naturaleza. El encargo proviene de una voz recibida telepáticamente, como en una comunicación espiritualizada, por lo que puede considerarse una divinidad colectiva y soberana (Los Dominantes). La misión es noble y su fin implica un elevado autosacrificio. También está presente la lucha contra lo que sería una personificación del mal, Góri y su ayudante Karas. La caracterización de estos dos personajes del planeta Epsilon supone una clara crítica a la occidentalización de Japón, representando una amenaza para su tradición. Sin embargo, Góri puede leerse desde otra perspectiva. Al utilizar su experiencia científica para construir monstruos a partir de la contaminación de la bahía de Tokio, Gori funciona como un profeta del apocalipsis ambiental. Aunque su paradójico propósito era la conquista a través de la destrucción, la creación de enormes y mortíferos monstruos a partir de la contaminación humana e industrial, de los desechos del capitalismo, trajo a la superficie del tejido social algo que estaba confinado a las profundidades de la bahía de la capital japonesa. Ver los monstruos de la destrucción, éste es el legado de la denuncia de Góri, aunque a la inversa.

Palabras clave: Góri; Spectreman; Contaminación; Ushio; Kazumine; Auerbach.

INTRODUÇÃO

Não é incomum que vilões das HQs ou mesmo dos clássicos do cinema sofram transformações tão profundas que os conduza pelo caminho virtuoso. Os conhecidos *plot twist* passam pelas drásticas mudanças das personagens. Exemplo desta conversão para o bem é a personagem *Darth Vader*, em *O Retorno de Jedi*. Sugere o autor da intergaláctica e inicial trilogia, que inimigos maiores e comuns podem fazer renascer sentimentos nobres submersos sob camadas resultantes de escolhas ruins.

Também é verdade que, por vezes, os heróis acabam sofrendo uma inversão no que seria sua identificação contextual primeira. Este parece ser o caso do *Superman* quando retratado ao lado das forças soviéticas na HQ *Superman: entre a foice e o martelo* (Millar, 2017). A proposta é por demais interessante e encontra plausibilidade no caráter alienígena do super-herói. Ora, por que o bondoso *Superman* tinha que crescer, adotivamente, em uma fazenda estadunidense? Por que ele não poderia ter sido acolhido na extinta União Soviética? O comunismo soviético poderia subtrair a bondade inerente ao herói de Cípton? Eis as questões que surgem a partir tanto do efeito moralizante da política, quanto desta mudança no paradigma de como este herói foi concebido e recepcionado pela indústria cultural dos Estados Unidos da América.



Figura 1 (Millar, 2017, p. 8).

A maleabilidade da construção do herói é, para Erich Auerbach (2011), uma consequência da literatura bíblica, que na sua meta de alcance universal, misturou o sublime com o baixo, permitindo não só o acesso das classes mais baixas, como também sua identificação com as personagens. Grosso modo, os heróis bíblicos são anti-heróis em sua essência e nascedouro narrativo, o que torna possível a revelação de Deus no processo de modelagem da personagem, em seu transcurso de anti-herói para herói bíblico. Tal perspectiva contrasta com o modelo do herói grego, cuja perfeição era composta para entretenimento dos nobres (Dusilek, 2021).

Todavia, pode uma personagem que em todo o tempo se comporta como vilão, sofrer um processo de conversão extra-texto, isto é, em seu processo de recepção? Pode o leitor oferecer, na apropriação do texto que é autônomo, uma leitura diferente daquela que se tornou a recepção vigente sobre uma personagem? Neste caso, não poderia ocorrer o que Umberto Eco (2018) qualificou como “superinterpretação”?

Para responder a estas indagações, primeiramente importa compreender o que é a autonomia do texto. Para Eco ao falar em autonomia de um texto significa dizer que:

Um texto, depois de separado de seu autor (assim como da intenção do autor) e das circunstâncias concretas de sua criação (e, conseqüentemente, de seu referente intencionado), flutua (por assim dizer) no vácuo de um leque potencialmente infinito de interpretações possíveis. (Eco, 2018, p. 48)

Para Paul Ricoeur, a autonomia do texto estava ligada tanto ao desprendimento da noção de intenção autoral, quanto ao oferecimento de novas formas de ser-no-mundo. O mundo, nesse caso, é visto como a “totalidade das referências abertas pelos textos” (Ricoeur, 2011, p. 84), uma vez desdobradamente apresentado diante do texto, horizonte da experiência de deslocamento dos leitores pela obra. (Ricoeur, 2006). A multiplicidade de referências pode, inclusive, “explodir” (Ricoeur, 2011, p. 127) o mundo do autor uma vez que não só extrapola uma eventual intencionalidade autoral, como pela autonomia do texto, suplanta a audiência original (Ricoeur, 1977).

Esta explosão se daria no campo da referência de segunda ordem, que possibilita novas formas de ser-no-mundo, enquanto a referência de primeira ordem é a representação da realidade. A referência de segunda ordem é aquela aberta pelo texto que convida o leitor a empreender uma reflexão sobre o ser-no-mundo, para que projete suas possibilidades. Em outros termos, enquanto a referência de primeiro grau usa a linguagem ordinária, a de segundo grau usa a linguagem poética do poder-ser. É a referência do mundo da obra, da *mimesis* criadora, que convida à interpretação.

Na referência de segundo grau é que se reúne a autonomia do texto, sua interpretação e suas condicionantes transcendentais. Uma vez a hermenêutica tratando do ser-no-mundo demonstrado pelo texto (Ricoeur, 1975; 1989), ela se torna uma reflexão transcendental, pois trata das condições para a articulação do discurso (Ricoeur, 2011), mesmo porque a autonomia do texto está baseada nas “estruturas existenciais constitutivas do ser-no-mundo” (Ricoeur, 1989, p. 69). São estas estruturas que permitirão, ainda que com certo estranhamento, a leitura e apropriação dos textos, manifestando assim sua natureza ontológica (Ricoeur, 1989).

O problema da interpretação advém também no quadro da autonomia do texto, os destinatários primeiros e autores, porque a relação texto-autor é diferente da do discurso oral, da conversação. (Ricoeur, 2008). Mesmo que se conceba um primeiro público leitor, o texto possui um caráter de permanência que o faz transcender o que seria um círculo primeiro de destinatários. O distanciamento do autor, das condições presentes na elaboração do texto, e a própria diferenciação do Mundo do Leitor para o Mundo do Texto, configuram os principais elementos que compõem o problema da interpretação.

Apesar das infindas possibilidades de leitura e apropriação, Umberto Eco lembra que há um outro princípio que precisa ser conjugado com o da autonomia do texto, no exercício da leitura. Trata-se da *intentio operis*, que busca oferecer certa coesão ao texto e ao processo interpretativo, ao sugerir a inviabilidade de uma interpretação que diga o que o texto não permite dizer (Eco, 2018). Ao se deparar com este tipo dispersivo de leitura, tem-se um caso clássico de superinterpretação.

A conjugação destes dois parâmetros (autonomia do texto e sua *intentio operis*) não o torna hermético. A possibilidade de interconexões a partir do texto mais recentemente lido com aqueles de leitura mais pretérita, que residem na memória como um *palimpsesto*; ou ainda entre dois textos diferentes em um processo hermenêutico intertextual permite que a riqueza interpretativa em suas múltiplas possibilidades, assim como o caráter polissêmico do texto, sejam preservados. Exemplo disso é o modelo figural proposto por Auerbach que alcança, primeiramente, uma intertextualidade bíblica, estabelecendo uma conexão entre os dois testamentos. Segundo ele:

A interpretação figural estabelece uma relação entre dois acontecimentos ou duas pessoas, na qual um deles não só se significa a si mesmo, mas também ao outro e este último compreende ou completa o outro. Ambos os polos da figura estão separados temporalmente, mas estão também, como acontecimentos ou figuras reais, dentro do tempo (Auerbach, 2011, p. 62).

A interpretação figural estabelece uma conexão entre dois acontecimentos ou duas pessoas, em que o primeiro significa não apenas a si mesmo, mas também ao segundo, enquanto

abrange ou preenche o primeiro. Os dois polos da figura estão separados no tempo, mas ambos, sendo acontecimentos ou figuras reais, estão dentro do tempo, dentro da corrente da vida histórica (Auerbach, 1997, p. 46).

Pelo exposto na citação, colocada sob o diapasão da comparação para que o leitor perceba a estrutura do pensamento defendido por Auerbach e suas nuances, nota-se que o modelo figural extrapola a aplicação para a hermenêutica bíblica, servindo também como uma filosofia da história. As conexões estão vinculadas ao leitor, ao intérprete, ao historiador, porém não convém que elas caminhem na direção de uma superinterpretação¹.

Ainda que o modelo de interpretação figural oferecido por Auerbach não expresse peremptoriamente a interseção do mundo do texto com o mundo do leitor, ela pode ser vista em dois momentos: a) primeiro, na apropriação que os escritores do Segundo Testamento fizeram ao correlacionarem seu mundo com o mundo das passagens bíblicas selecionadas, oriundas do Primeiro Testamento; b) segundo, na conexão que é facultada e estabelecida pelo leitor. Os dois mundos, do texto e do leitor, estão em constante contraste e interpolação (Auerbach, 1997). Em uma perspectiva ricoeuriana, o arco hermenêutico é preservado partindo da vida do mundo do texto, para encontrar a vida do mundo do leitor (Ricoeur, 2006).

Isto posto, a resposta à indagação anteriormente feita é que não só é possível, como também facultado ao leitor, fazer uma leitura contra hegemônica sobre uma personagem, desde que haja pistas no texto, ou nas conexões intertextuais possíveis, que embasem este contraponto. Estamos falando de detalhes, de pistas, de vestígios que o autor deixa no texto e que podem fornecer a base para um outro tipo de recepção daquele personagem.

Novamente evocamos Erich Auerbach (1949) como respaldo para esse tipo de reversão literária. Em seu artigo “O Orgulho de Saul”, Auerbach (1949) sugere outro tipo de leitura contrária à vigente a respeito do primeiro rei de Israel, cujo relato da sua morte se encontra no último capítulo de I Samuel. Ao comparar o tipo de morte que o primeiro rei de Israel teve com o tipo de morte da figura bíblica maior (Jesus), Auerbach (1997) não só oferece razões para que o detalhamento da morte de um rei que se perdeu ao longo do reinado, a ponto de ser atormentado por um espírito maligno, seja retratada nas páginas da Bíblia, como também praticamente o redime através da conexão que ele estabelece pela interpretação figural (Auerbach, 2011). Se a vida de Saul não pré-figurou a vida de Jesus de Nazaré, sua morte teve esse papel pré-figurativo. Para Auerbach:

O espírito desta moldura que as permeia é o da interpretação figurativa dos acontecimentos. Isto significa que cada acontecimento, em toda sua realidade quotidiana, é, ao mesmo tempo, membro de um contexto histórico-universal, sendo que todos os membros estão relacionados entre si, e, portanto, são também compreensíveis como sempiternos ou supratemporais (Auerbach, 2011, p. 136).

O tipo de morte de Saul, dentro desta moldura histórico-universal cristã, possui uma correlação com o tipo de morte sofrida por Jesus em sua paixão. Ao estabelecer o paralelo com a figura do salvador, a remissão de Saul é trazida à baila.

O objetivo deste artigo é discutir e oferecer uma nova perspectiva sobre a personagem Dr. Góri, antagonista de *Spectreman*, um clássico absoluto do *tokusatsu*² criado por Souji Ushio (pseudônimo de Tomio Sagisu) e transformado em Mangá por Daiji Kazumine. *Spectreman* é um espectro de *cyborg* enviado pelos *Dominantes* a partir do plante Nebula 71 cuja missão é proteger a Terra e livrá-la de tentativas para sua destruição. Góri, o antagonista, é um simióide oriundo do planeta Épsilon, que juntamente de seu comparsa, Karas, objetiva destruir a Terra, começando pelo Japão (Ushio; Kazumine, 2022).

¹ Auerbach (2011) afirma que o engessamento do modelo figural se tornou o caminho consequente para a interpretação bíblica na Igreja cristã. A expansão e institucionalização do cristianismo, bem como as muitas possibilidades de interpretação do texto bíblico teriam conduzido a Igreja ao exercício de um maior controle sobre o processo hermenêutico, coibindo o que chamamos aqui de “peculiar caso de superinterpretação cristã”, qualificada (sempre pelos vencedores, ressalta-se) como heresia.

² Produção japonesa com efeitos especiais.

1. SPECTREMAN E AS CRÍTICAS À MODERNIZAÇÃO JAPONESA.

No início dos anos 1980, a produção *Spectreman* foi popularizada no Brasil através da transmissão de seus episódios pela então TVS, depois incorporada ao Sistema Brasileiro de Telecomunicação (SBT). Foi nesse contexto que tivemos (os autores do artigo) o primeiro contato com Dr. Góri, ainda como juniores. Foi também na observação da construção dos monstros que primeiramente aprendemos que a poluição tem um efeito nocivo para a vida.

Contudo, antes de nos determos com um pouco mais de vagar sobre essa reversão da perspectiva antagonista de Góri, é importante destacar que este Mangá traz à baila uma série de outras questões, as quais podem ser vistas pela opção em termos representativos que seus criadores escolheram. Na verdade, a série *Spectreman* promove uma crítica semiótica, como passamos a verificar.

A importância deste foco está relacionada aos vestígios e pistas que os autores, quase que subliminarmente, oferecem como elementos que compõem toda uma crítica à realidade. Neste sentido, esta produção não pode ser enquadrada como mero entretenimento. Antes, trata-se de uma profunda crítica socioecológica e econômica.

Parece-nos evidente a persistente e subjacente ressalva, ao modelo de modernização japonês que representava sérios desafios ao Xintoísmo praticado pela maioria da população japonesa. Ora, o Xintoísmo apregoa uma harmonia com a natureza, afinal os deuses, segundo esta concepção religiosa, se encontrariam caminhando pela natureza, no que muito se assemelha à narrativa edênica. Esta harmonia é visivelmente quebrada pela irrupção do processo de modernização, que faz com que o novo e o velho, o moderno e o antigo, passam a conviver e disputar o espaço público. Se antes os deuses caminhavam pela natureza, agora entraram em disputa com a divindade do capitalismo, que em seu ritual sem fim (Benjamin, 2013) antagoniza com os preceitos fundamentais do xintoísmo.

O aspecto religioso se faz presente também em elementos da prática espiritual. A maior parte das falas do protagonista na verdade são meditações. Sua comunicação com os Dominantes se faz telepaticamente, como em uma oração olhando para o céu. Porém, a maior marca talvez seja o que chamaremos aqui de Providência do Bem. Quando tudo caminha para um desfecho trágico, algo acontece e possibilita que haja uma reversão do quadro com consequente vitória do bem sobre o mal, o protagonista vencendo o antagonista e suas criações.

O fato de Góri usar uma peruca loura (figura 2)³ na composição de seu personagem aponta para um questionamento da entrada da estética ocidental, via arte, na milenar cultura japonesa. Há um jogo sendo travado entre tradição e modernidade, entre valores arraigados culturalmente e a perplexa visualização dos efeitos da indústria cultural, notadamente estadunidense. A aposição da peruca loira no antagonista permite inferir que aquele novo diapasão estético refletia todo o desequilíbrio e maléfica influência que operavam na sociedade japonesa. A poluição não era só a ambiental, como se isto fosse pouca coisa; ela se fazia presente também na mutação dos valores que marcavam uma cultura milenar.



Figura 2, (Ushio; Kazumine, 2022, p. 127)

3 Todas as figuras relacionadas a *Spectreman* foram retiradas do Mangá: USHIO, Souji; KAZUMINE, Daiji. *Spectreman 3*. Tradução de Drik Sada. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2022.

Similarmente, a formulação de *Spectreman* como sendo um *cyborg* enseja a esperança que a tecnologia presente e à disposição do Japão pudesse fazer frente a todo tipo de ameaça externa (Góri e Karas), bem como no enfrentamento à poluição. O contexto do surgimento deste herói é o da virada tecnológica japonesa, marcada pela expansão de empresas como a Sony de Akio Morita, bem como a revolução no conceito dos carros. Os veículos japoneses passavam a incorporar toda a tecnologia existente em termos de mecânica, aliado a projetos que visavam a economia de combustível, contrastando com o padrão perdulário americano. Tal mudança paradigmática, a partir das decorrências da crise do petróleo na década de 1970, impulsionou a indústria automobilística japonesa.

No entanto, esta possível visão sobre a tecnologia não é de todo uniforme. A mesma tecnologia, marca maior do progresso científico, que salva, representada na figura do protagonista, é a que danifica o meio-ambiente com seus dejetos. Não por outro motivo seu antagonista mescla avanço e retrocesso. Um brilhante cientista com habilidades de alquimista que combina, na maior parte do tempo, conhecimento com poluição para a produção de monstros.

Um ponto importante da crítica subjacente neste Mangá é a representação de Góri como um simióide. Eis a crítica pela semiótica: o grande cientista, o qual emprega seu conhecimento para a destruição, é tipificado na criatura que precede o humano na escala evolutiva. Parece-nos evidente a sugestão dos autores que certo tipo de ciência e de desenvolvimento tecnológico, deve ser compreendida como um retrocesso, ainda que vista como progresso, como avanço.

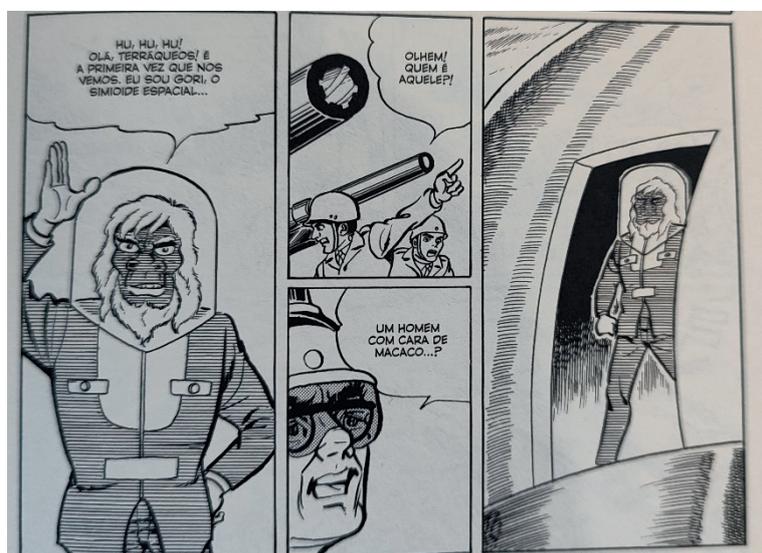


Figura 3, (Ushio; Kazumine, 2022, p. 278)

Cumprir observar que Góri quando se apresenta pela primeira vez aos seres humanos o faz com um capacete espacial. Neste ponto a indicação é dupla: tanto aponta para uma possível debilidade do simióide, quanto para um destaque para o que seria uma insuportável poluição do ar. Os paradoxos presentes na figura 3 são muitos. Passam pelo reconhecimento, na fala do militar, de que um ser inferior na escala evolucionista aparece à frente da humanidade, posto que posa em uma espaçonave. Uma espécie de passado se projetando no futuro.

Ao que nos parece, não basta ter conhecimento e ser reconhecido como um grande cientista. Se este conhecimento produz poluição ou a usa para a destruição, é possível questionar se esta pessoa está no mesmo patamar evolutivo que os demais seres humanos. Góri funciona como esta crítica, como este alerta, até mesmo quando, em seu primeiro contato com os “terráqueos”, faz uso de capacete espacial (figura 2).

2. DR. GÓRI: PROFETA DO APOCALIPSE AMBIENTAL?

Poderia Góri ser lido como uma espécie de profeta do apocalipse ambiental, diante do simbólico anúncio das forças de destruição tipificadas em seus monstros, os quais se constituem como vetores e mostra da poluição?

Em nossa percepção, há elementos intratextuais, imagéticos, suficientes para subsidiar essa leitura. As formas operativas e destrutivas de Góri, para além dos primeiros contornos de sua vilania, representam uma

séria e crítica leitura sobre a questão ambiental. Como dissemos anteriormente, Góri constrói boa parte dos seus monstros a partir da poluição, notadamente presente na Baía de Tóquio. Ao fazê-lo, ele traz à tona e sublinha o mal que a poluição causa.

Neste sentido, Góri pode ser visto como um profeta do apocalipse ambiental. Os monstros criados ou potencializados pela poluição, muitos dos quais com relação com um passado fossilizado, seja na crítica ao uso dos combustíveis fósseis como tipificado no Dragão de Três Cabeças ou Monstro do Petróleo (figura 4), seja no aproveitamento do material genético de dinossauros que testemunharam uma extinção. Note bem: as testemunhas de uma extinção em massa da vida na Terra são trazidas novamente a vida para presenciar, de maneira repetida, uma nova destruição global (figura 5). Elas representam um alerta, um convite a uma anamnese mais básica para que a humanidade perceba qual tipo de flerte está sendo travado, quando em nome da produção o meio-ambiente segue sendo destruído no Antropoceno.



Figura 4, (Ushio; Kazumine, 2022, p. 15).

Entretanto, o profetismo de Góri, aventado aqui, apresenta diferenças substanciais para o profeta tal qual Pierre Bourdieu (2007) apontou. Em primeiro lugar, Góri não deseja uma reconfiguração do espaço, seja ele religioso ou não. Suas criações, tomadas aqui como alertas, conquanto patentes e incidentais, tinham por objetivo final a conquista planetária pela aniquilação, por mais paradoxal que possa parecer. Em segundo lugar, porque Góri não tinha por objetivo criar um séquito, instituir um grupo de seguidores, de leigos. Sua ação não visava uma expectativa por adesão.

O profetismo de Góri que procuramos assinalar é da condição do prenuncio. A cada monstro que ele cria, o apocalipse ambiental toma forma diante dos olhos de quem lê o Mangá Spectreman. Os monstros, então, vigoram como um potente aviso: os seres humanos estão criando, cada vez mais, as condições pelas quais sofrerão sua próxima ameaça de extinção, com conseqüente sofrimento dos demais seres vivos que habitam este planeta. A degradação do meio-ambiente, a poluição desenfreada para manter um consumo sem precedentes, são monstros que estamos criando com potencial para nos destruir, marca do Antropoceno.

Parece-nos também que a fúria com que os monstros se comportam possa ser lida sob a ótica do alerta, mais do que pelo comportamento meramente instintivo, primitivamente animalesco. Lembramos que esta produção é pensada nos detalhes; nada passa despercebido ao seu olhar crítico.



Figura 5, (Ushio; Kazumine, 2022, p. 54).

Ao dar visibilidade à poluição na forma de monstros, Góri funciona como um profeta: desvela o que está recalçado, isto é, a poluição que sedimenta o fundo de rios, lagos e baías; ao mesmo tempo em que evidencia o risco que ela nos traz (figura 6). Nesta perspectiva, a poluição não é um mero e negativo resultado que compõe o processo produtivo; ela deforma, estraga e mata. Ela precisa ser encarada como um produto, ainda que indesejável, do processo de produção capitalista.

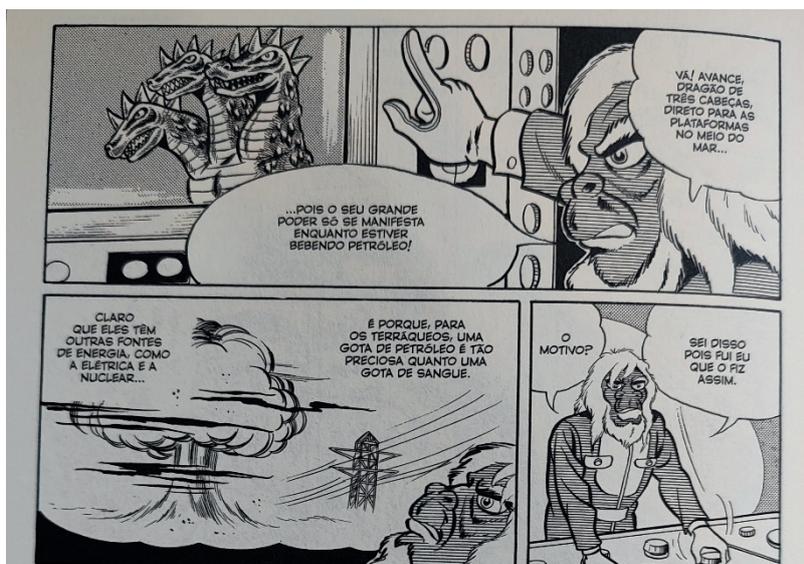


Figura 6, (Ushio; Kazumine, 2022, p. 65).

O impacto da poluição não fica restrito ao contexto japonês. Os interesses pela conquista e exploração de outros planetas, bem como o modelo de produção globalizada, em larga escala, faz com que os monstros, com seu poder destrutivo, alcancem outros países. É preciso assinalar que as nações escolhidas que também são atingidas estão no chamado grupo do G-7, isto é, as sete maiores economias do mundo (Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, França, Itália, Alemanha, Japão).

Na figura 7 temos o *Moonthunder*, um monstro que habitava a lua e que tem seus ovos trazidos à Terra por uma extrativista expedição espacial, destruindo a estátua da liberdade. Não só o alcance global da poluição e das investidas no espaço sideral estão em jogo; há também uma preocupação, um alerta, com as possíveis e devastadoras consequências que a manipulação de um espaço desconhecido podem trazer para o planeta. Soma-se a esses elementos a atualidade do questionamento sobre a permanência da liberdade, quando seu símbolo americano é despedaçado por um dano colateral do avanço tecnológico.



Figura 7 (Ushio; Kazumine, 2022, p. 116).

Já na figura 8, o mesmo monstro ataca países europeus do G-7, promovendo destruição em cartões postais, assim como na figura anterior o *Moonthunder* destrói a estátua da liberdade. A ilustração ensina que o afã tecnológico pode suprimir a liberdade e seus símbolos, como retratado no ataque ao prédio do Parlamento inglês, na figura a seguir.

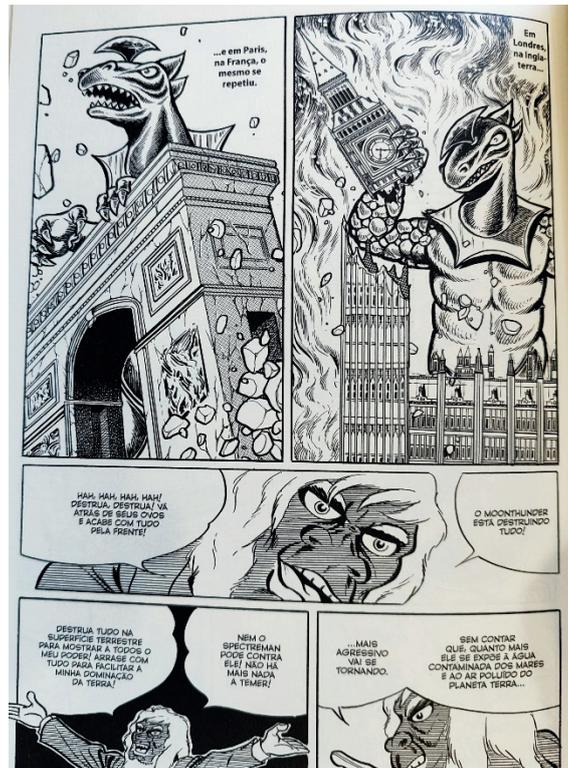


Figura 8 (Ushio; Kazumine, 2022, p. 127).

Há um outro paradoxo presente no Mangá. Gamou (ou Kenji na versão televisiva) que é o *Spectreman* em forma humana trabalha na divisão de combate a poluição do governo japonês, como pode ser visto na figura a seguir.



Figura 9 (Ushio; Kazumine, 2022, p. 130).

Interessante assinalar que os recursos de tal departamento são claramente tipificados como escassos, bem como os instrumentos à sua disposição. Eis um retrato que expõe a debilidade da realidade orçamentária dos mais diferentes estamentos governamentais quando o assunto é a defesa do meio-ambiente e o combate a poluição. Há uma certa desconsideração pelo tema, cujo interesse pode aumentar quando da incidência de cataclismas. Não raras vezes, nesta hora, recursos exponencialmente maiores são destinados para minorar os efeitos das consequências.

O departamento onde Gamou está lotado tem seu nome alterado no transcurso do seu funcionamento. De departamento de combate à poluição, passa a ser chamado de departamento de combate aos monstros (figura 10). Não mais a preocupação com a causa, mas sim com a consequência. Esta mudança não sinalizaria uma capitulação, ou ainda uma sinalização, já na década de 1980, de que o nevrálgico ponto de retorno não seria alcançado? Não seria esta mudança o anúncio de que não há retorno para o processo de destruição global impingido pelo capitalismo no antropoceno?



Figura 10 (Ushio; Kazumine, 2022, p. 167).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto procurou apresentar uma produtiva interface entre ecologia, religião e literatura. A discussão ambiental foi oferecida a partir do Mangá *Spectreman 3*, mediante o que pode-se oferecer uma outra recepção para o antagonista Dr. Góri, qual seja, a de profeta do apocalipse ambiental.

Para além de toda crítica à ocidentalização do Japão, a qual se faz presente nos detalhes do Mangá, desde a estética da composição das personagens, às narrativas por eles empreendidas, *Spectreman* deve ser lido como um potente aviso sobre os riscos da poluição ao meio-ambiente e, por conseguinte, à preservação de todo tipo de vida neste Planeta que, embora seja chamado de Terra, é azul.

Não por outra razão, a primeira estória de *Spectreman 3* versa sobre o Monstro do Petróleo, cuja primeira área de atuação, de intervenção são as plataformas de petróleo no mar. A mensagem é clara, seja pela intervenção do ser humano em terra e mar, seja pelo alcance destrutivo dos monstros criados (ou acolhidos) por Góri, cuja destruição alcança diferentes partes das principais economias do primeiro mundo, a humanidade está criando os monstros (da poluição) que a destruirá.

Em tempos em que o óbvio precisa ser repisado, quem sabe Dr. Góri não nos ajude a enxergar e acordar para a crise climática? *Spectreman* é de um período em que pouco se falava sobre educação ambiental. Sua veiculação como *tokusatsu* por redes de televisão aberta, tampouco tinham, pelos contratados, uma visão de promover um debate sobre o meio-ambiente. Na verdade, a veiculação era mero entretenimento, preenchimento da grade de programação.

No entanto, como assinalamos ao longo do texto, a crítica à poluição ambiental perpassa e aflora esta por esta produção, promovendo aquela que, talvez, seja a melhor forma de conscientização sobre a crise climática: a que não a aborda de frente, a que não se baseia em denunciamento, mas que problematiza a questão lateralmente, driblando os mecanismos de defesa do ego e usando do sistema para jogar contra ele. De outro modo, até quando a humanidade dependerá de heróis como *Spectreman* para remediá-la de sua própria destruição? Até quando, no chamando antropoceno, assistiremos o surgimento de monstros na forma de cataclismas ambientais? Até quando precisaremos de profetas do apocalipse ambiental, como o Dr. Góri (aqui sugerido), para patentear diante dos olhos da humanidade os “monstros” que o sistema de produção capitalista tem criado, porém nem sempre visíveis para nós?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUERBACH, Erich. Saul's Pride. *Modern Language Notes*, v. 64, n. 4 (Apr., 1949), p. 267-269. (John Hopkins University Press). Acesso em: 29 out. 2013, às 15:07hs, no site <http://www.jstor.org/stable/2909570>.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____. *Figura*. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997.
- BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. Organização: Michael Löwy; tradução de Nélio Schneider e Renato Ribeiro Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. A contribuição estética de Erich Auerbach para a recepção da literatura bíblica e para as Histórias em Quadrinhos. [In:] SIMÕES, Darcília; GOMES, Nataniel (Orgs.). *Ensino de Línguas e Histórias em Quadrinhos. Jornada 5*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021. 1ª ed.
- MILLAR, Mark. *Superman: entre a foice e o martelo*. Tradução de Jotapê Martins. Barueri, SP: Panini Brasil, 2017.
- RICOEUR, Paul. Metaphor and the Main Problem of Hermeneutics. *New Literary History*, Vol. 6, No. 1, On Metaphor (Autumn, 1974), p. 95-110. [The Johns Hopkins University Press]. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/468343> Accessed: 21/11/2008 20:39].
- _____. Phenomenology and Hermeneutics. *Noûs*. Chicago, Illinois. Vol. 9, No. 1, Mar., 1975, p. 85-102. [Symposium Papers to be Read at the Meeting of the Western Division of the American Philosophical Association. April]. Acesso em: 21 nov. 2008, às 20:48hs, pelo site <http://www.jstor.org/stable/2214343>.

- _____. *Do Texto a Ação: Ensaios de Hermenêutica II*. Trad.: Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Éditions du Seuil, 1989.
- _____. *A Hermenêutica Bíblica*. Trad.: Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. *Ensaios sobre a Interpretação Bíblica*. Trad.: José Carlos Bento. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.
- _____. *Escritos e Conferências 2: Hermenêutica*. Trad.: Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Loyola, 2011.
- _____. Toward a Hermeneutic of The Idea of Revelation. *The Harvard Theological Review*. Cambridge, USA, Vol. 70, No. ½, p. 1-37, (Jan. – Apr. 1977).
- USHIO, Souji; KAZUMINE, Daiji. *Spectreman 3*. Tradução de Drik Sada. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2022.